

País não sabe quando paga juro em atraso

O Governo brasileiro não tem data para reiniciar o pagamento dos juros da dívida externa, suspenso desde junho do ano passado. Em setembro, vence mais uma parcela de dois bilhões de dólares, elevando o montante dos atrasados a dez bilhões. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, transmitiu ontem ao subsecretário do Tesouro norte-americano, David Mulford, a recomendação do presidente Collor para que a questão seja solucionada logo, mas disse que a retomada dos pagamentos dependerá de um acordo global com o FMI, o Clube de Paris e os bancos credores, num cronograma de conversações que deverá se prolongar até o final do ano.

O representante do governo dos Estados Unidos realiza um périplo pela América Latina, detendo-se nos países que não vêm honrando seus compromissos com a dívida externa. No Brasil desde anteontem, Mulford esteve de manhã com o embaixador Marcos Coimbra, secretário-geral do presidente da República, e com o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek. Em companhia do embaixador americano no Brasil, Richard Melton, almoçou com o presidente do Banco Central, Ibrahim Elís; o embaixador da Dívida Externa, Jório Dauster; o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, e vários assessores do Governo.

COBRANÇA

À tarde, no seu mais importante compromisso no Brasil, o subsecretário do Tesouro norte-americano cobrou da ministra Zélia uma perspectiva de quando o País vai efetivamente iniciar a renegociação da dívida e a retomada do pagamento dos juros atrasados. Perguntou também qual sua disposição de recorrer ao comitê assessor dos bancos credores, quando as negociações forem iniciadas.

Zélia não deu qualquer garantia de que vá procurar o comitê e disse que continuará convidando os bancos credores individualmente, até 14 de setembro, mas também não descartou definitivamente a hipótese. Quanto à retomada do pagamento dos juros da dívida, condicionou ao contexto geral das negociações, mas não marcou data. "Não queremos firmar compromissos agora que tenham de ser revistos depois, como aconteceu em várias ocasiões do passado", enfatizou.

Entretanto, disse que o Governo tem pressa em solucionar o caso, por recomendação expressa do Presidente, até porque o País tem interesse num empréstimo-ponte. Por outro lado, "não queremos que a dívida traga reflexos prejudiciais à convivência com países com quem pretendemos estabelecer um novo padrão de relacionamento, em particular os Estados Unidos", disse a ministra.

GOLFO

O subsecretário do Tesouro dos EUA iniciou sua audiência abordando a crise no Golfo Pérsico. Ele manifestou a preocupação do seu governo com a possibilidade de uma grave recessão no mundo, em consequência do conflito entre Iraque e Kuwait, e pediu esforços do Governo brasileiro para que mantenha suas metas de desenvolvimento e resista às pressões que surgirão contra o crescimento econômico.

Zélia concordou com a preocupação de Mulford e disse que o Brasil, inevitavelmente, acompanhará o impacto que a crise provocará no mundo. O secretário disse esperar que o Brasil continue perseguindo progressos no seu balanço de pagamentos, nos investimentos e na questão da propriedade intelectual, revelando que seu país tem interesses comuns com o Brasil na área agrícola.

Mulford elogiou "os progressos" registrados no Brasil com o plano econômico e não censurou a iniciativa do Governo brasileiro de convidar os bancos privados para entendimentos.

BUSH

Apesar da preocupação com os juros atrasados, o tom da conversa entre a ministra Zélia Cardoso e o subsecretário David Mulford foi ameno. Eles falaram também sobre a proposta de redução da dívida do presidente George Bush.

O Plano Bush para as Américas, que pressupõe uma redução do estoque da dívida entre os governos, foi considerado muito importante pelo subsecretário americano. Mulford pediu o apoio do Governo brasileiro para a proposta, especialmente em relação à participação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) no programa. O presidente Bush, segundo Mulford, está bastante comprometido com essa iniciativa porque considera a América Latina muito importante.